

Quase-estagnação da economia brasileira, armadilha da liberalização e novo desenvolvimentismo

Uma comparação do Brasil e Leste da Ásia

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Segunda parte da aula na Universidade de Brasília, no curso de economia brasileira do professor José Luis Oreiro, 28.set.2021.

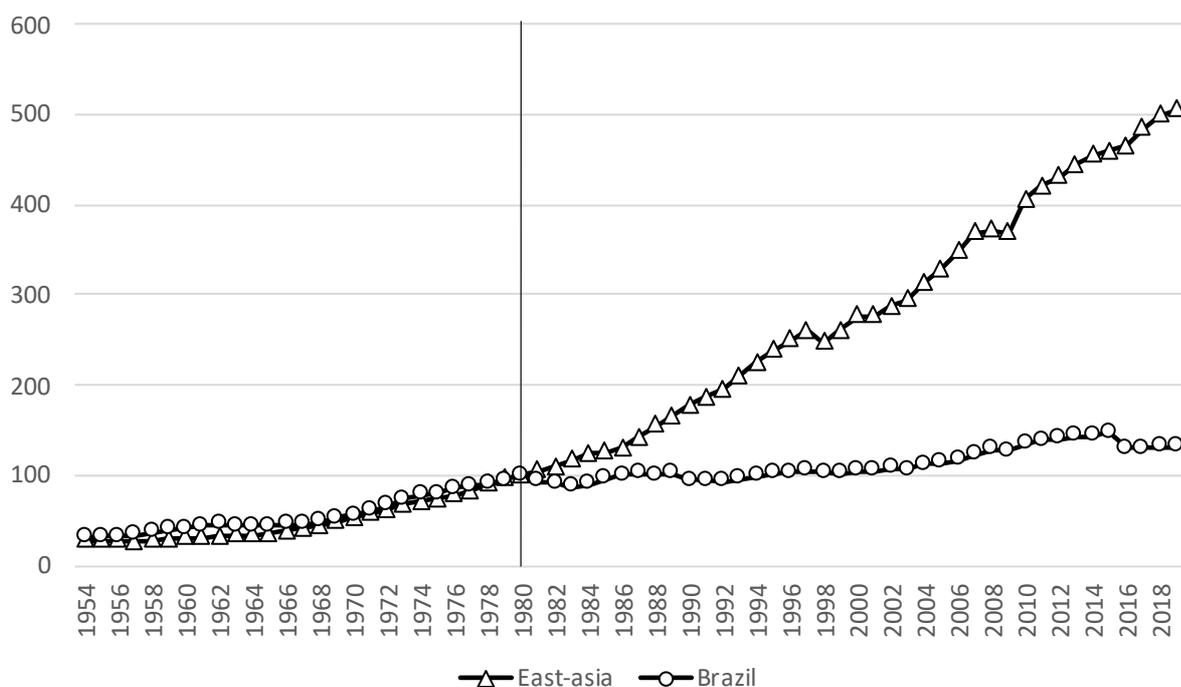
O problema a partir da quase-estagnação

Por que a economia brasileira, que crescia quase à mesma taxa que o Leste da Ásia, a partir de 1980 entrou em quase-estagnação?

- Por quê?
- O que fazer?

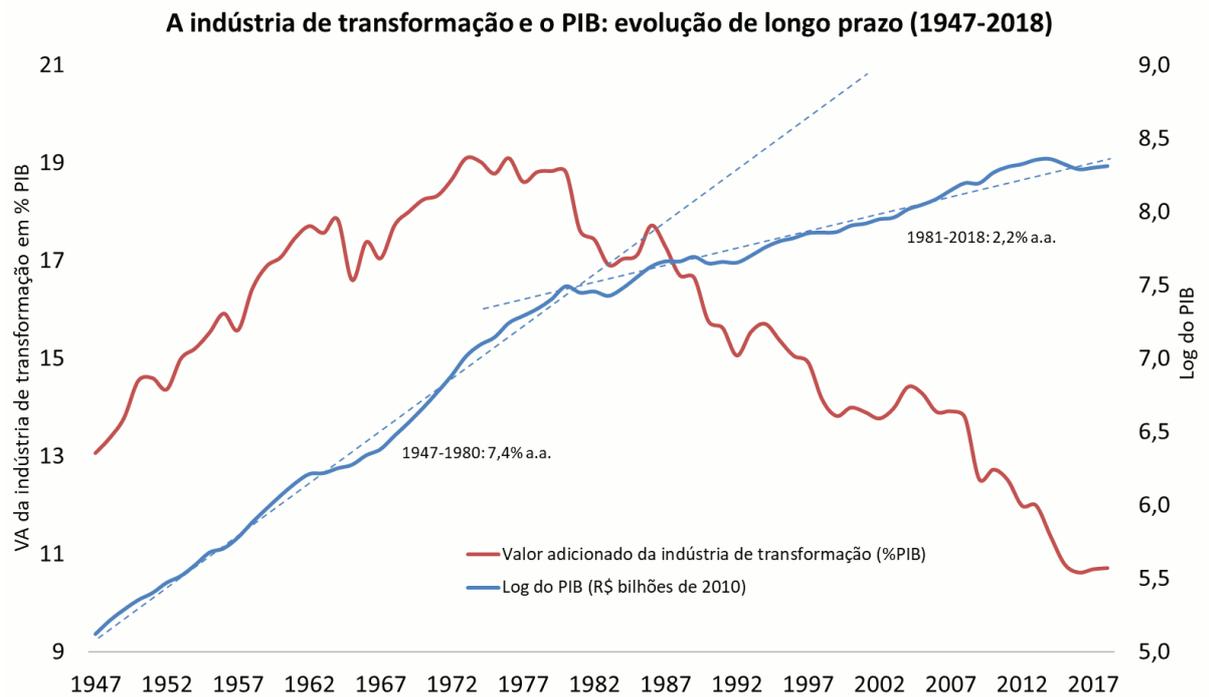
Alguns dados sobre a quase-estagnação

Brasil e Leste da Ásia – 1954-2018



Source: Maddison Project Database (2018) & World Bank Development Indicators (

Desindustrialização desde os anos 1980



Algumas taxas de crescimento

	1961-1980	1991-2019
América Latina	3.2	1.5
Brasil	4.6	1.2
Leste da Ásia	5.2	5.0
LA (exceto-China)	5.7	3.7
América Latina	3.2	1.5

Explicações

O Leste da Ásia e o Brasil adotaram políticas semelhantes

- Ambos deram prioridade à industrialização
- Ambos planejaram investimentos na infraestrutura.
- Ambos adotaram política industrial.

Mas

- O Leste da Ásia investiu mais na educação.
- A desigualdade era menor no início no Leste da Ásia.

- Eles fizeram reformas agrárias.
- Eles restringiram mais o populismo fiscal.
- Eles foram mais nacionalistas.

Estas diferenças explicam

- Porque os países do Leste da Ásia cresceram *um pouco mais* antes de 1980. Mas não explicam a quase-estagnação a partir de 1980.
- A quase-estagnação é um problema novo que exige fatos históricos novos para explicá-lo.
- E exige também uma teoria nova.

Explicação ortodoxa

- Os economistas neoclássicos ou liberal-ortodoxos não sabem pensar historicamente. Suas explicações não incluem fatos históricos novos:
- Oferecem apenas explicações microeconômicas
 - Instituições, protecionismo, educação insuficiente, populismo fiscal
- Os países teriam caído na “armadilha da renda média” envolve fato novo.

Mas

- Não explicam por que países param de crescer um país que se torna de renda média.
- Definem frouxamente os intervalos que definem a renda média.
- Não tem explicação para o Leste da Ásia.

Como eu argumentarei adiante,

- o Brasil caiu na armadilha da liberalização.

Explicação do Desenvolvimentismo Clássico

(e suas três gerações de economistas).

Dois fatos históricos novos explicam a quase-estagnação:

- A virada neoliberal in 1980 in the Norte,
- A submissão do Brasil em 1990: reformas neoliberais mudam o regime de política econômica de desenvolvimentista para liberal.
 - O Brasil deixa de ter um projeto nacional de desenvolvimento.
- Esta explicação está certa, mas é muito geral.

Explicação do Novo Desenvolvimentismo

- É a teoria nova que venho desenvolvendo há 20 anos
- Explica a quase-estagnação com fatos históricos novos.
- Oferece as políticas correspondentes para superar a quase-estagnação.

- Origina-se da Economia Política Clássica, da Macroeconomia Pós-keynesiana e da Teoria Desenvolvimentista Clássica.
- É constituído por
- Economia política
- Teoria econômica

A economia política do novo desenvolvimentismo discute

- As duas formas de organização econômica do capitalismo
- O Estado desenvolvimentista
- As coalizões de classe desenvolvimentistas e liberais
- A financeirização
- Uma crítica da teoria neoclássica
- Faz crítica do neoliberalismo financeiro-rentista

A teoria econômica novo-desenvolvimentista

- Faz a crítica da teoria neoclássica e da da ortodoxia liberal.
- Não parte de um sistema econômico fechado e estático, mas de um sistema aberto e dinâmico.
- Na teoria econômica novo desenvolvimentista devemos distinguir
 - Uma teoria do desenvolvimentismo novo-desenvolvimentista
 - uma microeconomia novo-desenvolvimentista
 - uma macroeconomia do desenvolvimento novo-desenvolvimentista

Teoria do desenvolvimento novo-desenvolvimentista

- O desenvolvimento econômico depende da acumulação de capital com inovação (progresso técnico)
- Que, por sua vez, depende de uma ***taxa esperada de lucro satisfatória***, superior à taxa de juros, que, por sua vez, depende de ***o Estado***
 - ***Realizar investimentos públicos***, principalmente na infraestrutura
 - que criem demanda para as empresas
 - que criem externalidades positivas para as empresas.
 - ***Garantir as condições microeconômicas da acumulação de capital***
 - educação,
 - desenvolvimento tecnológico
 - instituições que garantam o mercado,
 - investir na infraestrutura,
 - assegurar financiamento interno.
 - ***Garantir as condições macroeconômicas da acumulação de capital***
 - a existência de demanda (Keynes)

- o *acesso* a essa demanda (Novo Desenvolvimentismo)
 - Que depende principalmente de uma taxa de câmbio competitiva (que torne competitivos os projetos de investimento que usam em seu setor específico a melhor tecnologia).

Microeconomia novo-desenvolvimentista

- Divide o sistema econômico em
 - um setor competitivo a ser coordenado pelo mercado
 - um setor não-competitivo a ser coordenado pelo Estado
- Defende a política industrial
 - que deve ser estratégica e sempre reavaliada.
 - *não* substitui uma taxa de câmbio apreciada no longo prazo.

Macroeconomia do desenvolvimento novo-desenvolvimentista

- Distingue 5 preços macroeconômico e afirma que o mercado é incapaz de mantê-los “certos”, ou seja.
 - Um nível baixo da taxa de juros (taxa de juros internacional mais risco país)
 - Uma taxa de câmbio competitiva – que torna competitivas as empresas que, no seu setor específico, usa a melhor tecnologia.
 - Em consequência, uma taxa de lucro esperada satisfatória – que leva as empresas a investir.
 - Uma taxa de salários que cresce com a produtividade
 - Uma inflação baixa, com desindexação total da economia.
 - Não há nenhuma boa razão para que seja mais alta.

Mantém equilibradas

- a conta fiscal que deve deficitária quando desaceleração econômica justifica uma política fiscal contracíclica.
- a conta corrente.
 - É contra déficits em conta-corrente que implicam entradas líquidas de capital e apreciam a moeda no longo prazo.
 - Só abre exceção quando a economia está crescendo muito e a propensão marginal a consumir diminui aumentando a propensão marginal a investir.

Por que o Estado deixou de garantir

Quando o país tem a desvantagem competitiva da doença holandesa

- a partir do seu modelo de doença holandesa, que distingue um equilíbrio corrente de um equilíbrio industrial
- afirma a necessidade de neutralizar a doença holandesa

- através de tarifas variáveis de importação e subsídios à exportação de manufaturados
- ou através de um imposto variável sobre a exportação de commodities (solução politicamente mais difícil).

Voltando ao Brasil e à armadilha da quase-estagnação

A partir de 1980, o Estado brasileiro caiu na armadilha da liberalização (ou da taxa de juros alta e da taxa de câmbio apreciada no longo prazo)

- deixou de realizar os investimentos públicos
 - porque deixou de realizar poupança pública
 - porque passou a incorrer em *populismo fiscal* – gastar irresponsavelmente mais do que arrecada
 - porque acreditou que investimentos privados substituiriam com vantagem o investimento público
- deixou de garantir a condições macroeconômicas da acumulação de capital
 - O nível da taxa de juros tornou-se muito alto
 - porque o país aderiu ao populismo cambial – tentou crescer com endividamento externo que denominou “poupança externa” ;
 - porque o Banco Central foi capturado pelos interesses dos rentistas e financistas
 - A taxa de câmbio deixou de ser competitiva
 - porque o Brasil passou a incorrer em déficits em conta-corrente (*no populismo cambial* – o estados-nação gastar irresponsavelmente mais do que arrecada) e a taxa de câmbio se apreciou deixando de ser competitiva;
 - porque o Brasil fez em 1990 a abertura comercial e, portanto, deixou de neutralizar a *doença holandesa*, ;
 - em consequência, *a taxa de câmbio para a indústria* se tornou apreciada
 - as empresas localizadas no país passaram a ter uma grande *desvantagem competitiva*.
 - porque o Brasil fez a abertura financeira em 1992 (janeiro) e assim,
 - deixou de controlar capitais, o que
 - facilitou a apreciação da taxa de câmbio ;
 - tornou mais difícil controlar a taxa de juros
 - e passou a usá-la e a estabelecer altíssimas taxas de juro com a desculpa que, assim, “controlava a inflação”.

A taxa de câmbio no Brasil (onde o populismo econômico é forte) tende a se apreciar ciclicamente. No ciclo cambial,

- a taxa de câmbio se aprecia quando surge uma crise financeira
- Entre as duas crises financeiras que abrem e fecham o ciclo forma-se uma bolha financeira e a taxa de câmbio permanece apreciada por vários anos.

O último ciclo cambial

- uma crise financeira em 1999 repicada em 2002) e manteve a taxa de câmbio depreciada nesses quatro anos.
- a taxa de câmbio passou a se apreciar em 2003 com a gradual volta da normalidade econômica
- permaneceu altamente apreciada entre 2007 e 2013.
- O ciclo terminou com a crise financeira de 2014 que depreciou a moeda.
- Essa depreciação continua vigente até hoje (fim de 2021) porque a crise financeira se transformou em crise econômica.

O Brasil, portanto, caiu na armadilha da liberalização

Bresser-Pereira, Araújo e Peres

- Demonstraram empiricamente esta armadilha
- Ver “Uma alternativa à armadilha da renda média”.

Referências

Bresser-Pereira, Luiz Carlos (2021) “Brazil’s quasi-stagnation and East-Asia growth: A new-developmental explanation”, SCED.

Bresser-Pereira, Luiz Carlos (2019) “40 anos de desindustrialização”, *Jornal do Economista*, junho de 2019: 3-5.

Bresser-Pereira, L.C.; Paula, L.F.; Bruno, M. (2019) " Financeirização, coalizão de interesses e taxa de juros no Brasil ": Texto para Discussão IE/UFRJ, 022, outubro de 2019.

Bresser-Pereira, Luiz Carlos (2019) “Why did trade liberalization work for East Asia but fail in Latin America?”, *Challenge* 62(4): 273-277, DOI: 10.1080/05775132.2019.1632526

Bresser-Pereira, Luiz Carlos (2018) “Brazil’s macroeconomic policy institutions, quasi-stagnation, and the interest rate–exchange rate trap” (2018) in Edmund Amann, Carlos Azzoni and Werner Baer, orgs. *The Oxford Handbook on the Brazilian Economy*, Nova York: Oxford University Press: 221-240.